

Red Alert ou isto da criação artística comunitária nos tempos que vão correndo

Luís Gomes da Costa (coordenador da Binaural/Nodar, Viseu Dão Lafões, PT)
www.binauralmedia.org

Nota biográfica

Curador, programador, editor, documentarista e artista sonoro. Coordenador da Binaural/Nodar (S. Pedro do Sul) um projeto cultural que atua no contexto rural dos maciços da Gralheira, Arada e Montemuro, onde são desenvolvidos e acolhidos desde 2006 projetos de documentação, reflexão e expressão contemporâneas, cruzando vivências quotidianas, criação artística sonora/média e pesquisa territorial e social.

Resumo

É crítico abanar consensos e identificar os equívocos e dificuldades de projetos de criação artística em articulação com comunidades, num contexto cada vez mais política e socialmente correto, em que a adesão a causas éticas, sociais ou ecológicas é tão rapidamente consumida quanto qualquer outro bem, serviço ou sonho de sucesso. Como consequência, são muitos os jovens criadores saídos das universidades de artes os quais, algumas vezes sem a densidade desejada, se deixam seduzir por ideias formatadas e as aplicam à primeira comunidade que lhes aparece pela frente.

1. Problematizando a coisa, na forma de copo meio vazio.

A vida está a mudar. Hoje é quase impossível despir-mos a ganga das nossas autorrepresentações, de tal forma a distância entre o sentir e o representar se anulou a milésimos de segundo. É agora mais difícil ganhar distância crítica, ganhar o lastro que o próprio tempo nos concede, escavar em lenta profundidade sobre as pregas do real, da memória e do inefável, processos que deviam exigir tempos de anos (décadas?) e não de dias, para pensar e recombinar variáveis, para depurar efemeridades, redundâncias e artifícios.

E os caminhos do desenvolvimento dos lugares? Esses estão irremediavelmente contaminados por simplificações, presunções de gente pequena que crê sinceramente que os territórios se desenvolvem de cima para baixo com meia dúzia de frases feitas (uma *smart city*? As montanhas mágicas? A capital ecológica? A magia das águas?). Felizmente a vida mais prenhe segue o seu curso e vai forrando os caixotes de lixo com cartazes e recortes de jornais de gente (quase sempre) com gravata e sem lágrimas.

E há os artistas, sim os artistas. Longe vão os tempos de artistas puros de coração, prontos a assumirem o risco das suas vidas numa relação corajosa consigo mesmos e com a vida. Hoje, arte está-se a aproximar escandalosamente das técnicas mais assépticas e esterilizadas, em que o trabalho de campo daqueles que trabalham com o real se assemelha a uma caça ao tesouro para promoção posterior. Existe como tal uma obscenidade flagrante na forma como se absorve o real como de uma potente máquina de sucção, para débito posterior nas redes sociais e em obras de pensamento e autenticidade mais do que duvidosa. O que hoje se diz ser arte comunitária é, cada vez mais, um autêntico cenário de guerra mediática pelos projetos mais socialmente corretos, que nos dão aquele beneplácito, sorriso seráfico de boas consciências em paz com as suas hipocrisias.

É pois de crise que estamos a falar. Vimos, por exemplo, passar nestes anos pela nossa região (no contexto do Lafões Cult Lab da Binaural/Nodar) toda uma legião de artistas que, confessemos-lo, nos foram deixando cada vez menos entusiasmos, numa suave curva descendente com belíssimas exceções. Tantas palavras, tantos projetos, tanta indiferença, tanto ego, tantas carreiras. Parece que hoje já ninguém questiona, por exemplo: porque raio um artista tem que ser cada vez mais um universitário para adquirir legitimidade? Não será esta associação o paradoxo e negação de toda a condição artística, daqueles que antes escolhiam deliberadamente outra estrada, mais perigosa, suja, rica e individual, como forma de expiarem demónios, culpas e talentos numa conexão invisível com o mais visível que há no mundo, naqueles átomos entre sensação e pensamento que nos ligam de forma irremediável ao outro, o qual não tem que ser um ser exótico e periférico ao nosso mundo, pode ser qualquer um que esteja ao lado das nossas escolhas de vida.

2 - Do caderno das nossas perplexidades, alinhemos algumas emanções destes tempos.

- Estes são tempos de produção maciça e rumorosa de imagens e sons e de indiferença crescente em relação ao específico, à *poiesis*, ao *pathos*, à crítica, ao subtil, ao difícil de ser contado.
- Estes são tempos de uma profunda crise antropológica, em Portugal e na Europa, a qual poucos parecem afrontar, cómodos que estão nas suas zonas de conforto.
- Estes são tempos em que os jovens não querem saber nada disto. Estão-se nas tintas, é isso.
- Estes são tempos de homologação absoluta das ideias e das práticas, em que a arte e a cultura se tornam cada vez mais num adereço “modernaço” para ostentação territorial e/ou política.
- Estes são tempos mentais e acelerados, em que os corpos, as imagens, os sons se arriscam a serem meros instrumentos para uma subida de uns degraus no grau de reconhecimento de quem os cria.
- Estes são tempos em que o individualismo e a arrogância, mesmo entre os criadores, parece ser uma evidência crescente.
- Estes são tempos que nos impelem gradualmente a afastar do outro, daquele contacto quotidiano e improvável, não carregado de qualquer pretensão ou pré-conceito.
- Estes são tempos em que muitos artistas querem transformar-se a si próprios e aos que são retratados nas/atraves das suas obras em estrelas para consumo imediato (Rei lutube).
- Estes são tempos em que tantos esquecem e respeitam o lastro de quem já por cá andou (e foram tantos e estão tão esquecidos, paz às suas almas).
- Estes são tempos em que se constroem castelos culturais no ar dos milhões europeus mas longe das raízes criativas mais profundas.
- Estes são tempos em que a palavra comunidade é usada e abusada em criações ditas empenhadas e solidárias mas que na maioria das vezes não escapam aos mais banais moralismos, tão corretos quanto assépticos.
- Estes são tempos de redes ditas colaborativas que muitas vezes mais não fazem do que empacotar e nivelar por uma média sensaborona os ditos “produtos” culturais.
- Estes são tempos em que os artistas são muitas vezes os últimos a terem a palavra na definição de políticas culturais. Muitos limitam-se a esperar ansiosamente as suas parcas oportunidades como peões de um xadrez alheio.
- Estes são tempos tão difíceis como os de Dickens, logo são tempos fascinantes.

3 - E como a inversão é sempre possível, até deixamos umas quantas urgências arrancadas aos nossos avanços, recuos, dúvidas e iluminações:

- Buscar temas, narrativas e lugares necessários para cada um. N-e-c-e-s-s-i-d-a-d-e.
- Colocar a técnica criativa como subsidiária da narrativa necessária (e não o inverso).
- Limpar as escolhas de efemeridades e floreios inúteis.
- Respeitar, nomear e convocar os que já trilharam caminhos análogos (agradecimentos sinceros a....).
- Comparar, autocriticar, corrigir, sempre e mais uma vez.
- Romper clichés, trilhar a diferença, pois se são milhares as possibilidades – basta fazer um esforço - porquê copiarmos indolentemente as escolhas do vizinho?
- Ouvir, ver e agir com paciência e profundidade, sempre.
- Não apaparicar comunidades com sorrisos seráficos (que lindas são estas velhinhas!) como meio para obter consentimentos criativos.
- Atuar com frontalidade no real, dizendo o que se pretende e esperar saudavelmente o confronto e alguma dose de incompreensão (quão deliciosas podem ser as incompreensões).
- Não ter medo da solidão criativa. Mais vale um criador solitário que arrisca o pêlo quotidiano do que 100 criadores medianos “pour épater la bourgeoisie”.